

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO PEDAGOGIA**

**SERGIO ERNANI GORSKI FERRO**

**CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA COMO CATEGORIA DE  
REFLEXÃO DA FORMAÇÃO POLÍTICA DE EDUCADORES  
POPULARES NO AJA-EXPANSÃO**

**GOIÂNIA-GO  
2010**

**SERGIO ERNANI GORSKI FERRO**

**CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA COMO CATEGORIA DE REFLEXÃO DA  
FORMAÇÃO POLÍTICA DE EDUCADORES POPULARES NO AJA-EXPANSÃO**

Monografia apresentada a título de conclusão de disciplina Monografia de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação do professor Doutor Márcio Corte Real

**GOIÂNIA-GO  
2010**

**SERGIO ERNANI GORSKI FERRO**

**CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA COMO CATEGORIA DE REFLEXÃO DA  
FORMAÇÃO POLÍTICA DE EDUCADORES POPULARES NO AJA-EXPANSÃO**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, para conclusão de disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010 pela Banca Examinadora constituída pelos docentes:

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Márcio Penna Corte Real – FE/UFG  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Cláudia Borges Costa  
Avaliado

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO I AJA-EXPANSÃ- Retrospectiva histórica e contexto atual.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II A Curiosidade Epistemológica a serviço da transgressão uma ação educativa na Formação de Educadores Populares AJA EXPANSÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III AJA-EXPANSÃO uma ação de Movimento Popular ou uma ação de Gestores... ..</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>Considerações Finais.....</b>	<b>29</b>
<b>6</b>	<b>Referências.....</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da necessidade de procurar respostas para a questão da formação de educadoras e educadores populares no que se refere a formação política e profissional, criatividade, livre iniciativa e imaginação no seio das atividades do AJA-EXPANSÃO.

Esta procura se pauta por uma averiguação sobre o modo como se processa a curiosidade epistemológica nesta formação assim como os objetivos que ela encerra. Neste sentido, cabe um questionamento: como conciliar a formação de educadoras e educadores populares com uma educação libertadora, que ative a curiosidade arriscada, crítica e criativa, capaz de conquistar espaços e reivindicar direitos no campo de um agir político reflexivo comprometido? Será possível, partindo da cotidianidade formativa destas educadoras e educadores, verificar os possíveis elementos de resistência que afloram em suas falas e ações como negação a ideologia dominante?

Os critérios de investigação foram direcionados pelas seguintes categorias de análise: curiosidade epistemológica e compromisso político. Estas categorias foram as ferramentas utilizadas nesta investigação e o material de pesquisa foi adquirido na formação inicial e continuada de educadoras e educadores populares, em reunião de coordenação, junto ao Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos, assim como do IX Encontro Estadual do Fórum Goiano de EJA.

Estes espaços de investigação foram selecionados porque propiciam a discussão sobre a formação dos educadores (as) da EJA, os seus conflitos e suas dificuldades de superação no que diz respeito à ação educativa e intervenção político social.

A concepção de educação aqui trabalhada se fundamenta na *educação como prática da liberdade* discutida pela obra de Freire: “Educação desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação”(Freire,1965,p.44). Como prática da liberdade, compreende-se uma pedagogia que estabelece a prática da pergunta como elemento fundamental na conquista de uma consciência mais crítica, mais humana. Trata-se da educação como um processo político pedagógico em que se prioriza a criatividade como significado inovador e não a repetição como meio de “produção”.

Aqui se faz necessário abrir parênteses para explicar as dificuldades que impedem o

desabrochar de uma consciência crítica. Segundo Freire, é necessário conhecer o que venha a ser consciência real e consciência máxima possível. No entanto, só será possível compreender o que vem a ser uma e outra quando colocamos o conceito de situação limite na discussão, já que este conceito traz em seu conteúdo elementos que destacam as realidades objetivas, as quais, por sua vez, provocando a necessidades nos indivíduos.

A capacidade de espantar-se, de deslumbrar-se diante do novo, de arriscar-se ,que naturalmente as crianças trazem consigo, são outros elementos desta pedagogia os quais, como prática de liberdade , possibilitam a homens e mulheres emanciparem-se da ideologia capitalista. A concepção de sujeito é de um ser histórico e cultural. O que vai além do ser estático e contemporâneo envolve o “ontem” o “hoje” e o “amanhã” nesta dialética da vida.

O pressuposto de conhecimento tratado neste trabalho monográfico está irmanado com a seguinte concepção freiriana:

O conhecimento como resultado de processos de aprendizagem, não existe no abstrato. Ele só existe 'aderido' a pessoas, enquanto significado por sujeitos cognoscentes, ou reconhecido como tal. Um ato de conhecer implica, portanto, a cumplicidade do sujeito que o realiza. Cumplicidade no sentido de necessitar 'comparecer' com seus sentidos e percepções prévias a fim de incrementá-las, ou refazê-las. Em não tendo essa ancoragem na subjetividade, o conhecimento em nada modifica a auto percepção do sujeito e, conseqüentemente, não contribui para a modificação do seu entorno. (FREIRE,2008, p .96)

O método será norteado pela obra *Pedagogia do Oprimido* e, portanto, pela dialogicidade, por temas geradores, por situações limite e pelo o conceito de rupturas e resistência.

A curiosidade epistemológica é um conceito fundamental neste estudo, pois trata-se de uma categoria de reflexão da formação política das educadoras e educadores populares do AJA-EXPANSÃO-GYN. Esta categoria como ação de transgressão, da passagem da curiosidade ingênua, do senso comum, à construção de novos saberes instituídos pela força metódica e sistematizada que a caracteriza proporciona possibilidades de rupturas a novas conquistas existenciais mais arejadas pela consciência crítica de mundo.

A investigação do referido conceito tem como objetivo contribuir com este estudo na formação de educadores e educadoras populares, de modo que seja possível conhecer a profundidade desta ação, ensino e aprendizagem e seus resultados de intervenção no âmbito social, político, econômico e cultural dos educadores populares do AJA-EXPANSÃO.

No capítulo I - AJA-EXPANSÃO - Retrospectiva histórica e contexto atual - será apresentado um breve histórico da educação brasileira, em especial a Educação de Jovens e

Adultos em Goiânia, incluindo o contexto do surgimento do Projeto AJA-EXPANSÃO e suas implicações.

No capítulo II - A curiosidade Epistemológica a serviço da transgressão: Uma ação educativa na Formação de Educadores Populares no AJA- EXPANSÃO- será realizada uma discussão freiriana sobre curiosidade, significado e transposição do termo a uma aquisição epistemológica. O conceito de *educação como prática de liberdade*, o diálogo como o encontro de homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, assim como as situações - limite são um dado investigativo importante para todo aquele que queira sair do seu estado de alienação .

No capítulo III - AJA-EXPANSÃO uma ação de Movimento Popular ou uma ação de Gestores? Serão apresentadas observações formuladas durante a pesquisa junto às ações governamentais e “não governamentais” sobre elementos que justifiquem a natureza de uma ação popular ou de gestores nesta ação educativa.

As conclusões finais contém a interpretação uma pequena análise sobre os resultados da pesquisa ( realizada durante os quatro meses de observação (maio, junho, agosto e setembro) ocorridos no seio das instituições pesquisada, formação inicial e continuada, reunião de coordenação e o IX encontro goiano de Educação de Jovens e Adultos acerca da formação de educadores populares) em resposta ao problema central: Como conciliar a formação de educadoras e educadores populares com uma educação libertadora, que ative a curiosidade arriscada, crítica e criativa capaz de conquistar espaços e reivindicar direitos em um agir político reflexivo compromissado? Partindo da cotidianidade destas educadoras e educadores, observa-se nas entrelinhas de suas falas, escrita ou gestos os possíveis elementos de resistência que afloram como negação à ideologia dominante.

## CAPÍTULO I

### AJA-EXPANSÃO - Retrospectiva histórica e contexto atual

As classes dominadas, silenciosas e esmagadas, só dizem sua palavra quando, tomando a história em suas mãos, desmontam o sistema opressor que as destrói. É na práxis revolucionária, com uma liderança vigilante e crítica, que as classes dominadas aprendem a “pronunciar” seu mundo, descobrindo, assim, as verdadeiras razões de seu silêncio anterior (Freire, 1982, p. 129)

Pensar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é compreendê-la como um direito de todos ao longo da vida. Direito a educação que tem sido uma luta diária da sociedade brasileira e cujo reconhecimento vem sendo gradualmente construído ao longo de nossa história.

Segundo a Declaração de Hamburgo, documento produzido na V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA)<sup>1</sup>, no seu art. III, a Educação de Jovens e Adultos é vista como um processo

[...]chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. (...) Educação ao longo da vida implica repensar o conteúdo que reflita certos fatores, como idade, igualdade entre os sexos, necessidades especiais, idioma, cultura e disparidades econômicas. Engloba todo o processo de aprendizagens formal ou informal, onde pessoas consideradas 'adultas' pela sociedade, desenvolvem suas habilidades, enriquecem seus conhecimentos e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade.(...) desenvolvem a autonomia, (...) a tolerância e a participação criativa e crítica dos cidadãos em suas comunidades (CONFINTEA,1997, p.19-20)

Existe um discurso que defende a melhoria das condições de vida do indivíduo e a formação de um cidadão autônomo. Mas a pergunta que insistentemente vem à tona é a

---

<sup>1</sup> CONFINTEA teve seu início em 1949 na Dinamarca, tendo como contexto histórico um mundo Pós-guerra. Os temas tratados nessa ocasião foram: Educação de Pessoas Adultas e entendimentos internacional. Cooperação Internacional necessária para desenvolver a educação de pessoas adultas. (<http://www.slideshare.net/marciacs/história>)



seguinte: o sistema político e econômico neoliberal<sup>2</sup> em que vivemos dá condições para o florescimento de uma educação que prepare homens e mulheres ?

Para Rodrigues [2000, p. 1], “Os de mandatários da EJA são aqueles que não tiveram acesso a escolarização na idade estabelecida, os que foram reprovados consecutivamente, os que evadiram, os que necessitam trabalhar no diurno para se manterem e até mesmo as seus familiares”. São pessoas, como pais e mães de família, que sofrem a discriminação do mercado de trabalho por não terem formação adequada, e que lutam pelo pão de cada dia. Alguns também são jovens que, por descrédito na educação escolar, abandonam as salas de aula e se submetem a subempregos.

Uma característica comum à maioria destes jovens e adultos é quase sempre a baixa autoestima, que se caracteriza como um estado psicológico no qual o indivíduo se sente incapaz, introjetando crenças e valores marcados pelo senso comum<sup>3</sup> de que são pessoas incapazes de superar suas faltas. Mas quando se analisa suas competências, por exemplo, na área da construção civil, como práticos mestres de obras, armadores, pedreiros, carpinteiros, é possível perceber a importância e o valor do seu trabalho, pois conseguem fazer do seu ofício, arte, mesmo sendo chamados de “analfabetos.”

A história do AJA-EXPANSÃO (2001) está impregnada de intenções socioculturais fundamentadas em princípios éticos, políticos e estéticos, baseados na justiça social, na busca da equidade no campo do acesso à educação e do cultivo da sensibilidade junto ao da racionalidade, contrariando “o determinismo internacional nos rumos da EJA” do qual nos fala Machado, ao citar a UNESCO na década de 1940, que definia alfabetização

“[...] sob a ótica funcional, se refere ao objetivo fim da EJA, reduzindo-a ao princípio de maior aplicabilidade às exigências do Mercado, ou seja, a escola para jovens e adultos trabalhadores precisa dar conta de treinar com eficiência para o trabalho. Os órgãos financiadores, portanto, não assumem apenas um papel de financiamento, mas principalmente, um papel político.. As políticas definidas no que se refere à educação, passam a ser tomadas completamente pela lógica econômica.”(MACHADO,1997, p.15)

O Projeto AJA-EXPANSÃO teve suas raízes na Faculdade de Educação-UFG, que pela expectativa gerada pelo momento político do país, governo Collor de Melo (1990-1992), convocava a todos a participarem do esforço de “erradicação” do analfabetismo.

---

<sup>2</sup> O chamado modelo neoliberal de educação estaria subordinando alvos político-sociais (equidade, cidadania, democracia) internos estritamente econômicos (desenvolvimento tecnológico, competitividade internacional), ou seja, à lógica do mercado Cf., por exemplo, Gentili & Silva (1994).

<sup>3</sup> Para Gramsci “Na filosofia, destacam -se notadamente as características de elaboração individual do pensamento: no senso comum, ao contrário, destacam-se as características difusas e dispersa de um pensamento genérico de uma época em um certo ambiente popular”.(GRAMSCI, 2004, p.100-101)

A disponibilidade de verbas pelo MEC, a partir de 1991, através do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania-PNAC, incentivou as universidades a produzirem projetos.

Machado registra em sua dissertação de mestrado, cujo subtítulo é “Origem e Implantação do Projeto AJA”, que o referido projeto

[...]tem seu início, enquanto concepção, na Faculdade de Educação, através da experiência realizada por esta faculdade, cujo título era 'Intenção de Estudos'. A referida experiência era coordenada pela Professora Maria Helena Barcellos Café, uma pessoa importante para o Projeto AJA, tendo em vista que, sua assessoria na SME, nos anos 93 e 94, foi de fundamental importância para a garantia da manutenção do processo de construção coletiva do projeto.(...) Experiência oficialmente autorizada pelo Conselho Estadual de Educação, que teve como objetivo a produção e conhecimento na área da metodologia de alfabetização para meninos e meninas com defasagem idade/série. (MACHADO,1997, p. 88-89)

A dificuldade de receber os valores propostos pelo MEC foi um fator que levou a Faculdade de Educação-UFG a procurar parceria com a Secretaria Municipal de Educação, a fim de não se perder esta ação educativa.

Quanto à realidade política da época do surgimento do AJA-EXPANSÃO, faz-se necessário o seguinte registro:

Em 1993 assume a prefeitura de Goiânia-GO o Partido dos Trabalhadores (PT) que, coligado com outros partidos, empreendeu um projeto de educação no qual havia certo respaldo na luta por uma escola pública popular gratuita, democrática e de qualidade. Esse projeto trazia ainda princípios de garantia de acesso e permanência das classes populares a uma escola pública de qualidade, com condições de vida e trabalho aos profissionais que nela atuam, apregoando a gestão democrática. No seio destas defesas nasceram propostas específicas de experiências para a EJA, tais como: proposta de erradicação do analfabetismo, programas de educação não formal, criação do setor EJA na SME, entre outros. [RODRIGES, 2002, p. 37]:

Historicamente, a região Centro-Oeste tem sido celeiro do coronelismo, o que dificultou o avanço de uma educação pública, democrática, gratuita e com qualidade. Segundo Rodrigues: [2000,p.31-32] ”Goiás, cuja economia tem sido predominantemente agrária, caracterizou-se como Estado Oligárquico,(...). No que se refere à educação, o que se tem presenciado ao longo dos anos no Estado é uma política clientelista que não prioriza as necessidades da população,” Rodrigues reitera:

esta parceria potencializou-se e constituiu-se na Experiência Pedagógica de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental para Adolescentes, Jovens e Adultos da SME, em 1993, cujo cognome é Projeto AJA, que a partir de 2001 passou a aumentar as classes de início de escolaridade com a parceria com os movimentos sociais (associações, sindicatos) e empresas públicas e privadas.(RODRIGUES et alii [2002, p.1]

A Secretaria Municipal de Educação de Goiânia criou, então, o Projeto AJA-EXPANSÃO<sup>4</sup>, que passou a funcionar plenamente em 2001 graças a concepções políticas da época que viabilizaram esta ação. Para a construção dos grupos de estudos do Projeto AJA-EXPANSÃO, a Secretaria Municipal de Educação mobilizou todos os parceiros, como as educadoras populares, que se empenharam em buscar jovens, adolescentes e adultos em órgãos públicos, empresas, escolas, moradias, enfim, em todos os segmentos da sociedade civil, incentivando-os a recuperarem autoestima.

Seguindo orientações do PPP- Proposta Política Pedagógica, os grupos são compostos de, no máximo, vinte e cinco (25) alunos e no mínimo quinze (15). Neste projeto, o trabalho de alfabetização é realizado por Educadores Populares indicados pelos parceiros do projeto, contanto que, antes de começarem a atuar, recebam uma formação inicial. Os Educadores Populares, preferencialmente, devem ser graduados em Pedagogia ou outra licenciatura, ou podem ser alunos dos referidos cursos. Devem, também, ter alguma experiência em Educação de Jovens e Adultos, ou serem formados em Magistério. Os grupos do AJA-EXPANSÃO têm aulas de segunda a quinta-feira, com duração de duas (2) horas e trinta (30) minutos. Uma vez por semana, os Educadores Populares do AJA participam de um encontro para estudo, planejamento, troca de experiências e avaliação dos trabalhos realizados. Este encontro de formação continuada conta com a assessoria de professores da Faculdade de Educação/UFG e com o apoio das coordenadoras do Projeto.

A coordenação geral do Projeto é realizada pela Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, através do Departamento Pedagógico, com orientações do Brasil Alfabetizado-MEC. Cada coordenador acompanha aproximadamente dez (10) núcleos de alfabetização. Este acompanhamento acontece em visita semanais a cada turma. Esta visita tem a duração de duas (2) horas e trinta (30) minutos aproximadamente. Os relatórios são feitos a cada visita e têm como finalidade, além de relatar, é claro, o que acontece durante a aula, registrar o acompanhamento, com nome da Instituição parceira, nome do educador, números de educandos matriculados, número de alunos presentes. Outra função do relatório é acompanhar o crescimento do educador, cuja aula e atividades propostas são analisadas a fim de que se possa acompanhar seu trabalho no sentido de sua prática docente.

A formação destes educadores acontece em dois momentos; formação inicial e formação continuada. As formações inicial e continuada acontecem normalmente nas dependências da Faculdade de Educação. O período de duração da formação inicial é de aproximadamente

---

<sup>4</sup> Segundo o PPP – Proposta – Político – Pedagógica atualizada, (2005, p. 8-16-17)

quarenta (40) horas, ministradas pelas assessoras do Projeto. A formação continuada acontece todas as sextas-feiras, num total de duas (2) horas semanais. Passeios a museus, memoriais, etc, também são espaços de formação.

Há também uma preocupação quanto ao aspecto cultural dessa formação. Ao longo do projeto já houve várias apresentações de uma montagem teatral cujo tema central era o “Estatuto do Homem”, de Thiago de Melo. Esta peça itinerante fala dos deveres e do compromisso dos homens para com a natureza humana. As apresentações foram realizadas em terminais de ônibus, com o objetivo de divulgar o AJA-EXPANSÃO e facilitar a mobilização dos interessados a frequentarem o Programa, além de motivar as educadoras populares com o aumento do número de educandos nas salas do AJA.

O referido grupo teatral era composto de coordenadoras(res.) e assessoras (res.), que mobilizaram-se para efetivar esta ação. O grupo não foi desfeito e pretende, nesta nova etapa, fazer outras apresentações, pois os resultados foram satisfatórios, tendo sido os grupos beneficiados pelo evento já que conseguiram aumentar o número de educandos em salas de aula. É uma experiência cativante e provocativa pelos desafios e expectativas nela encerra.

## CAPÍTULO II

### **A Curiosidade Epistemológica a serviço da transgressão: uma ação educativa na Formação de Educadores Populares no AJA-EXPANSÃO**

Querida amiga, e companheira, curiosidade epistemológica, musa de minhas incógnitas, te desejo ao receber esta, um ardoroso abraço e que te encontres, no eterno entusiasmo que te caracteriza. Esta obstinação pelo saber. Sei muito bem, nestes tempos áureos de nossa existência o quanto dificultoso tem sido compreender a vida e transformá-la na mais pura existência, isto é, em sabedoria. Me atrevo pensar aqui, na vida, como uma grande pergunta, a ser respondida, assessorada por perguntas menores, mas nem por isso, menos importante. A questão que te apresento, como a nossa, nesta nova empreitada, é pesquisar sobre o tema educação, que tem como pergunta principal a ser investigada o seguinte desafio: saber de você, curiosidade epistemológica, na formação das educadoras e dos educadores populares do AJA-EXPANSÃO se tu és categoria de reflexão. Sabes que este tema me fascina. Falar sobre ti, nos outros, é algo que me suscita esperança, fé na humanidade, mesmo sabendo que esta humanidade insista em te ver e usar, como ingênua criança. (FERRO, 2010, p.1)

Essa epígrafe reflete as reflexões inspiradas pelo convívio acadêmico na FE-UFG, depois da participação do autor deste trabalho nos Núcleos Livre de Literatura Infantil e Paulo Freire ‘Educação e Atualidades’. A partir daí, surgiu o interesse de investigar o conceito de curiosidade epistemológica.

Este trabalho se propõe a fazer uma discussão freireana sobre curiosidade, significado e transposição do termo a uma aquisição epistemológica. O conceito de *educação como prática de liberdade*<sup>1</sup>, o diálogo como o encontro de homens mediatizados pelo mundo para

---

<sup>1</sup> É uma educação que propõe ao povo reflexões sobre si mesmo, sobre o seu tempo, sobre suas responsabilidades, portanto compromissos. Uma educação que capacite o ser humano a superação da consciência ingênua em consciência crítica, transformando os mitos que os alienam e os acomodam em conhecimentos objetivos, fruto da práxis vivenciada nas salas de aula, ou em qualquer lugar onde o ato de educar esteja presente. (FREIRE, 1999)

pronunciá-lo, as *situações-limite*<sup>2</sup> são dados investigativos importante para todo aquele que queira sair do seu estado de alienação, assumindo um *compromisso social*, o *termômetro que medirá* o imensurável, a subjetividade humana, em seu compromisso político social de intervenção. Isto é, a assunção de um ser social transformador. Paulo Frerire diz:

“Quanto mais criticamente se exerça” a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando, "curiosidade epistemológica" (...) Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que se tornando mais e mais metodicamente rigorosa, transitam da ingenuidade para o que venho chamando "curiosidade epistemológica" (...) A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, (...) curiosidade epistemológica. (...) Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar.. (FREIRE, 2003, p. 25-29-31).

A curiosidade é o início de todo o conhecimento, que se substancializa pela ação do perguntar. Todo ser humano traz consigo esta disposição investigativa que sofre, contudo, perturbações de percurso, ora por admoestações do meio familiar em que vive o indivíduo (cala boca menino, pare de perguntar), ora pela intervenção educativa formal que substitui a pergunta por respostas prontas, tratando todos como iguais.

Ao questionar a curiosidade ingênua através do processo de reflexão, este pequeno estudo procura estabelecer um diálogo nesse encontro entre a pronúncia de mundo em que um vive, que pode ser ingênua ou não, e a busca de novas verdades nesta lançadeira da vida a partir da qual se tece a sabedoria.

Esse conhecimento ingênuo que se inicia com a pergunta, muitas vezes, é sistematicamente negado quando a pergunta é sistematicamente pronunciada nas salas de aula, muitas vezes, porque este professor entende que esta curiosidade poderá "abalar a certeza do professor" em seus conhecimentos, pois este professor se considera pronto acabado, insubstituível; medo de ser descoberto e reage com autoritarismo, tirando o direito do educando de refletir e construir seu próprio conhecimento. Este é um dos ranços do meio social em que vivemos, meio este que reduz a capacidade humana à coisa, à política neoliberal que nos castra em tenra idade e que se infiltra em todas as instituições, sobretudo, no ensino formal, seja ele fundamental, médio ou superior.

---

<sup>2</sup> No livro *Pedagogia do Oprimido*, as situações- limite se apresentam aos homens como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais não lhes cabe outra alternativa senão adaptar-se. Desta forma os homens não chegam a transcender as “situações limites” e a descobrir ou a divisar, mais além delas e em relação com elas, o “inédito viável”. Em síntese, as “situações- limite” implicam a existência daquelas a quem direta ou indiretamente “servem e daqueles a quem “negam e freiam.”(FREIRE, 1987, p.94-95)

Pensar o homem alienado, diz Freire (1987): “é pensar em um ser não comprometido consigo mesmo de consciência ingênua, que não olha para a realidade com critério pessoal mas com os olhos dos outros, a leitura de suas vidas não é leitura crítica mas leitura ingênua que só decodifica a palavra morta.”(p. 19) Para tirar homens e mulheres deste estado de alienação, uma das possibilidades é levá-los a serem bons leitores, o que implica que estejam em um estado de consciência capaz de identificar o ingênuo do epistemológico, é sair da leitura mecânica e nas entre linhas ler a vida.

Teizmann, mestre em Letras e Crítica Literária faz a seguinte observação que:

[...]alia a leitura mecânica à de mundo, numa postura avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras já feitas, questionando, tirando conclusões. (...) Ser um leitor crítico não é resultado de dom, mas de aprendizado (TIEZMAN, 2009, p. 34).

Ruth Rocha, na apresentação do livro de Rodari, *Gramática da Fantasia*, nos traz a seguinte reflexão: "os setores mais poderosos da sociedade realmente não têm nenhuma intenção de privilegiar a imaginação e a criatividade pois não desejam que as pessoas aprendam a pensar,"(1982, p. 11)

A partir dos princípios que norteiam as Diretrizes Curriculares Nacionais para educação básica, percebo as intenções humanas, sociais e culturais postas neste documento. Para melhor entender o que digo apresento parte deste documento:

**Princípios Éticos:** de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito e discriminação. **Princípios Políticos:** de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; de busca de qualidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios, de exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; de redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais. **Princípios Estéticos:** de cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; de enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; de valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente as da cultura brasileira; de construção de identidades plurais e solidárias (PARECER CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010).

As palavras aqui postas em lei, em defesa da dignidade humana, não passam, na maioria das vezes, de como intenções sociais que carecem de uma atenção maior dos órgãos públicos e vigilância da sociedade em sua aplicação. Entendo que só uma sociedade organizada e constituída por pessoas críticas em sua transitividade possa fazer um mundo melhor e mais justo, em confrontação com a lógica do capital, que tem como ponto crucial a

exploração do trabalho humano. Gutiérrez (1988) diz:

“O abismo entre o que as legislações proclamam e o que as circunstâncias permitem é demasiado grande para ser resolvido por uma grande parcela da população sem ajuda efetiva. É ilusório pretender mudar o homem enquanto a estrutura social do sistema sócio econômico permanecer inalterada. (...) vivemos em uma sociedade cujos pilares da existência são a propriedade privada, o lucro e o poder.”( p. 27. 55 e 66)

Aprender a pensar é esta força criadora de que nos fala Freire (2003): “é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*.(...) é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.”(p. 69)

É preciso que os indivíduos se reconheçam como alienados, é preciso que educadores e educadoras populares necessitam compreender que sair desta alienação se faz necessário. Primeiro conhecer a sua história e, na sequência, identificar as situações-limite a que estão submetidos e isto se dá através de muita observação e leitura em um jogo insistente de ação e reflexão (práxis) que terá como resultado a transgressão.

Transgredir significa encontrar novos caminhos para expressão de uma vida autônoma. Fazer este percurso da alienação à autonomia na práxis viva e dialética é apreender concretamente o significado da existência<sup>3</sup> Cabe ao educador esta mediação que possibilitará aos educandos condições de perceberem-se como sujeitos da ação e reflexão.

Álvaro Vieira Pinto (2000) diz que a consciência ingênua

[...]é aquela que pode refletir sobre si, tomar a si mesma como objeto de sua compreensão, porém não chega a ser uma autoconsciência. A simples reflexão sobre si pode ser apenas introspecção, porém não se identifica com autoconsciência, porque esta só existe quando a percepção do estado presente da consciência (por ela mesma) é acompanhada da ideia clara de todos seus determinantes, vale dizer, da totalidade da realidade objetiva que sobre ela influi (o que só ocorre com a consciência crítica). A **curiosidade crítica** é a representação mental do mundo exterior e de si, acompanhada da clara percepção dos condicionamentos objetivos que a fazem ter tal representação. Inclui necessariamente a referência à objetividade como origem de seu modo de ser, o que implica compreender que o mundo objetivo é uma totalidade dentro da qual se encontra inserida. Refere-se a si mesma sempre necessariamente no espaço e no tempo em que vive, é, pois, por essência, histórica. Concebe-se segundo a categoria de processo, pois está ligada a um mundo objetivo que é um processo e reflete em si esta objetividade nas mesmas condições lógicas que definem um processo. (ÁLVARO,2000, p. 59-60)

---

<sup>3</sup> Segundo Freire e Faundes (1985, p. 51) em seu livro *Por Uma Pedagogia da Pergunta: A existência humana é, porque se fez perguntando, à raiz da transformação do mundo. Há uma radicalidade na existência, que é a radicalidade do ato de perguntar. (...) há uma relação indubitável entre assombro e pergunta, risco e existência. Radicalmente a existência humana implica assombro, pergunta e risco. (...) negar o risco é a melhor maneira que se tem de negar a própria existência humana.*



Partir do mundo concreto que nos cerca é ponto de partida de análise, mas só isto não basta, pois é preciso perceber o nível de consciência em que cada um se encontra. Isso porque conhecer o que nos aliena, não é o suficiente para sairmos da alienação, mas é apenas um começo, dado imprescindível. Pensar que nossas ideias vêm delas mesmas, autogestão, que são absolutas, é um engano, isto não é auto consciência, é um círculo fechado que não dá espaço ao novo, a consciência ingênua pensa assim. O novo que traz consigo a transgressão, o conflito, o desafio é curiosidade insatisfeita consigo mesma. A consciência crítica é a reflexão se fazendo consciente de si mesmo na práxis do embate teórico/prático.

Compreender os meandros da atividade do ensino e aprendizagem é fundamental, ao levar-se em consideração que só ensina quem apreende. Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*, faz a seguinte observação:

Aprender precedeu ensinar (...). Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de ensinar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 2003, p. 24).

Se só ensina quem aprendeu primeiro o objeto a ser ensinado, o que , então, fazer com esta educação que sistematicamente promove a reprodução?<sup>4</sup> Se o educando não é estimulado a fazer perguntas, sua curiosidade não se expande, e ela permanece ingênua. Portanto, o senso crítico à procura do novo não se apresenta, pois que a alienação é fato social inerente à formação de seres da reprodução. Esta dialética de sustentação e manutenção de uma sociedade servil é apropriada metodicamente sistematizada ao projeto de vida que foi pensado para os indivíduos.

O conceito de educação como *prática de liberdade*, o *diálogo* como o encontro de homens, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, as *situações-limite* são um dado investigativo importante para todo aquele que queira sair do seu estado de alienação, da consciência ingênua, pois o *compromisso social* é uma garantia de transformação.

Conforme Brandão (1982, p. 9-10), cada categoria de sujeito tem uma educação apropriada. Por vezes, a educação serve ao sistema dominante que reafirma as desigualdades sociais. Álvaro complementa essa opinião:

---

<sup>4</sup> Quando Siegfried Bernfeld, já no princípio do século, escreveu *Sísifo e os Limites da Educação*, expressou com extrema clareza o caráter político da ação educativa: “O núcleo da educação não é constituído pela pedagogia, mas pela política. E os fins da educação não são determinados nem pela ética nem pela filosofia, de acordo com os valores da validade geral, mas pela classe dominante, e conseqüentemente com os mesmos fins de seu poder.”(GUTIÉRREZ, Cf.1988, p.21)

O conceito de educação em sentido amplo (e autêntico) diz respeito à existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos. Desta maneira deve-se justificar lógica e sociologicamente o problema da educação de adultos. Daqui deriva a verdadeira definição de educação. A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses. Por consequência, a educação é formação (Bildung) do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intento de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos (ÁLVARO, 2000, p.29-30).

Pensar uma educação dialógica é pensar em rupturas, ressignificando conhecimentos. Uma estrutura destruída é superada por outra assim, sucessivamente à procura da verdade. Para Freire e Faundes (1985, p. 43) "o verdadeiro é uma busca e não um resultado, que o verdadeiro é um processo, que o conhecimento é um processo e, enquanto tal tem de fazê-lo e alcançá-lo através do diálogo, através de rupturas". É necessária uma educação que propicie e possibilite a pergunta, que nos leve a uma compreensão crítica de nossa cotidianidade, uma educação, enfim, libertadora. Para compreender o que venha ser uma educação dialógica, precisamos saber que o sujeito que se abre ao mundo e aos outros, inaugurando com seu gesto a relação dialógica em que se confirma com inquietação e curiosidade, como em permanente movimento na História. Diz Freire:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu tu. Está é a razão porque não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem. Não há diálogo, se não há um amor profundo ao mundo e aos homens (FREIRE, 1987, p.78-79).

Os educadores e educadoras populares, do AJA ou não, precisam estar ligados a esta questão do "Compromisso do Profissional com a Sociedade". É preciso haver um sentido do por que ser educador. A palavra compromisso, para Freire, se reveste de um significado próprio, ético impar, porque Freire, ao falar do compromisso em seu livro *Educação e Mudança*, a situa no tempo e no espaço. Esse processo de libertação tem em seu seio a conquista de homens e mulheres em ser "mais", mais amáveis, mais fraternos, mais compreensivos, mais compromissados, mais epistemológicos, exigindo destes homens e mulheres um aprofundamento teórico, que lhes possibilite o aprimoramento no emprego da práxis. Fala-nos Freire que:

De modo geral, a consciência dominada, não só popular que não captou ainda a "situação - limite" em sua globalidade, fica na apreensão de suas manifestações periféricas às quais empresta a força inibidora que cabe, contudo, à "situação limite" (FREIRE, 1987, p. 95-96)

Mas, apesar desta domesticação, ficam brechas no âmago de homens e mulheres, que se caracterizam através de uma ação de transgressão da ordem, mesmo que de forma sorrateira ou camuflada, marcando presença. Freire chama isso de *resistência*.

São os níveis de aspiração , de sonho, níveis de compreensão da realidade e nas formas de ação e de luta dos grupos populares (...) o ponto de partida deveria estar precisamente na resistência. Quer dizer nas formas de resistência das massas populares... (FREIRE; FAUNDES, Por uma Pedagogia da Pergunta.1985, p.38)

Faz-se necessário que homens e mulheres se apropriem do conhecimento para reconhecer a situação em que se encontram, e desmistifiquem os rótulos (incapazes, burros, analfabetos) que receberam do dominador e que introjetaram como verdades imutáveis. Estes códigos que são representações de situações existenciais devem ser decodificados à luz da práxis<sup>5</sup> transformadora. É um desafio que homens e mulheres devem responder através do diálogo, sustentado por um pensar certo que possibilite a transformação, se quiserem conquistar a humanização. "Quanto mais refletirem de maneira crítica sobre sua existência, e mais atuarem sobre ela, serão mais homens."(FREIRE,1980, p. 28-33)

As armadilhas da vida fazem com que se confunda atividade e passividade como coisas diferentes em sua essência. Os educadores ativos se vangloriam de estarem cheios de atividades em seu fazer pedagógico, não têm tempo para nada a não ser ficarem envolvidos com metodologias, dinâmicas ativas que tomam seu tempo nas salas de aula ou fora dela. Já os passivos cansados da luta vivem, mas não existem, porque vida se ganha e existência se conquista. O mesmo acontece com os ativos, porque perderam a esperança e agora só reproduzem conhecimentos monopolizando o seu tempo e atenção.

Para entender melhor estes conceitos, Gutiérrez (1988, p. 107) faz a seguinte observação: “Ambas as posturas – a ação excessiva e o deixar fazer – são consequência da falta de reflexão sobre o porquê e o para que da ação educacional. A ausência da práxis converte a educação em mera instrução, fazendo com que o docente caia em um ativismo pedagógico”.

---

<sup>5</sup> A educação é práxis, ou do contrário não é educação. Sem práxis, nem o educador nem o educando constituem-se a si mesmos e, ao não integrarem o trabalho produtivo e a ação criadora, tampouco chegam a transformar a realidade. A educação na práxis é portanto uma “ação transformadora consciente” que supõe dois momentos inseparáveis, o da ação e o da reflexão, sendo o primeiro o ponto inicial, na medida em que a ação preste de uma certa consciência e conduz até uma nova, forma de consciência, mais esclarecida, mais plena. Podemos dizer com propriedade, portanto, que a educação é o “momento reflexivo da práxis”.(GUTIÉRREZ, 1988, p.107).

## CAPÍTULO III

### **AJA-EXPANSÃO- uma ação de Movimento Popular ou ação de Gestores?**

O estudo descrito neste trabalho abarca reflexões sobre a formação inicial e continuada de educadoras populares do Programa AJA-EXPANSÃO-GYN. A investigação está exatamente aí, nesta transposição como ser, *mais*, educadoras e educadores em seu compromisso profissional e social.

Os critérios de investigação foram direcionados pelas seguintes categorias de análise: *curiosidade epistemológica e compromisso político e profissional*. Neste sentido, procura-se captar em diferentes momentos do percurso formativo, situações em que estas categorias emergiram trazendo à tona elementos que justificassem esta análise sobre a formação educativa político social do educador popular no AJA. Este compromisso pode ser considerado político, mas Freire se refere a ele como compromisso profissional, resultado da práxis da pessoa. Se for só teórica é o blá-blá-blá', e se for só prática é ativismo. Diz Freire na *Pedagogia do Oprimido*:

Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. A palavra autêntica, por outro lado, com que se pode transformar à realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blá-blá-blá. Por tudo isto alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. Se. Pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo. (FREIRE, p.77-78)

Antes mesmo de analisar os registros, é preciso fazer a seguinte observação: a neutralidade na educação não existe, pensar a educação sem esta observação é estar fadado ao erro. Por outro lado, ter a fixa ideia de que os agentes que manipulam a educação, terão cem por cento de êxito é outro erro. De acordo com Freire em *“A importância do Ato de Ler”*:

O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do

processo educativo e a tomá-lo como um que fazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática "astuta" e outra crítica. Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. (...) Mas se, do ponto de vista crítico, não é possível pensar sequer a educação sem que se pense a questão do poder; se não é possível compreender a educação como uma prática autônoma ou neutra, isto não significa, de modo algum, que a educação sistemática seja uma pura reprodutora da ideologia dominante. As relações entre a educação enquanto subsistema e o sistema maior são relações dinâmicas, contraditórias e não mecânicas. A educação reproduz a ideologia dominante, é certo, mas não faz apenas isto. Nem mesmo em sociedades altamente modernizadas, com classes dominantes realmente competentes e conscientes do papel da educação, ela é apenas reprodutora da ideologia daquelas classes. As contradições que caracterizam a sociedade como está sendo penetram a intimidade das instituições pedagógicas em que a educação sistemática se está dando e alteram o seu papel ou o seu esforço reprodutor da ideologia dominante. (FREIRE, 1992, p. 23,24 e 25 )

O autor crê numa força contrária que se estabelece no interior das massas se opondo às intenções do opressor. Trata-se da *força de resistência*, com referência à lei de Newton: de acordo com quem para toda ação existe uma força contrária, reação, com a mesma intensidade. É esta força de resistência que se contrapõe ao sistema, mesmo que esteja camuflada. A "aparente" aceitação do alienado que, submerso, se encontra, em sua ingenuidade, submetido às enganações do dominador. É o que faz a gente ter a esperança de que um dia estes homens e mulheres chegarão a se aperceberem desta alienação, processo que se dará através da ação educativa crítica, uma *educação como prática da liberdade*.

Os educadores e educadoras populares que participaram desta pesquisa encerraram suas atividades no programa AJA-EXPANSÃO junho de 2010.

Para melhor entender o encaminhamento desta pesquisa, faz-se necessário apresentar as atividades destes primeiros registros. Documentários: *Icologia: A História das Coisas e Formação Histórica do Povo Brasileiro e Críticas sobre o Sistema Econômico, Social e Político no Mundo Neoliberal* textos reflexivos de Freire : *Alfabetização e Conscientização; Compromisso profissional com a sociedade*, retirados dos livros: *Conscientização: Teoria e Prática da Liberdade* (1980) e *Educação e Mudança* (1987)

Algumas falas registradas durante a apresentação do documentário ICOLOGIA:

(A) -"Como este Senhor Ico tem conhecimento, como pode alguém com pouca leitura saber tanto!" (B) -"Veja a vida rural! É mais saudável, as pessoas estão mais em contato com a natureza e ela as beneficia." - (C) - "É , mas não é só isto, porque tem gente que mora lá no mato e é ignorante pior que bicho." -(D) -"Você reparou o que

ele fez: ele comparou o cerrado com as prateleiras da farmácia. Incrível! Só uma pessoa sábia faz isto.” A propósito: O senhor Ico compara durante sua entrevista que “quando a patrula arrebenta o cerrado, derrubando tudo é como se entrasse em uma farmácia e destruísse todos os remédios.”(Relato do dia 15/05/2010, p.1)

Quanto à apresentação do documentário ICO-LOGIA, foi possível perceber que o interesse do grupo esteve em alta, tendo ficado evidente a identificação dos presentes com o protagonista do documentário (Ico), pois muitas daquelas pessoas já viveram no campo. A relembração de um passado potencializou a vida na sua originalidade, homem e a natureza em comunhão.

A farmacopeia, a água cristalina, o respeito à natureza, produziu uma nostalgia e os situou no tempo e espaço em que vivem, meio urbano. No entanto, nas salas de aula do AJA, os educadores populares convivem com senhores e senhoras “Ico”, que guardam lembranças ou mesmo ainda vivem de acordo com os preceitos da cultura campesina, tomando seus chás, plantando sua horta, torrando seu café, Fazem parte da vida deles o aperto de mão, o bom dia, o boa tarde, o boa noite. Coisas simples mas que fazem de cada um a sua marca.

No dia seguinte, novos dados foram registrados e o tema proposto foi “A história das coisas” de Annie Leonard,. A seguir, algumas falas de educadores:

A) - “Interessante, nunca tinha passado pela minha cabeça, estas coisas.” (B) - “É verdade!, Este pessoal acaba com a natureza deles lá, e vem pra cá fazer o mesmo e agente nem tiuumm!” (F) - “Nós somos usados e abusados e parece que gostamos disso.”(J) -”Eu gosto tanto de consumir, mas agora tenho que pensar o que estou fazendo.” (M) -”Precisamos mudar nossos hábitos.”(Relato do dia 16/12/2010, p. 2)

Percebe-se , assim, que este documentário mexeu com as convicções de vida do grupo. Se lá, no senhor ICO, os questionamentos do que vem a ser sabedoria ficaram em evidência, aqui,, as provocações foram outras. Será este modo de vida, em que vivemos é o ideal? O diálogo, a crítica construtiva se fizeram presentes juntamente com o conceito de compromisso, sem falar do estímulo a curiosidade que se manifestava no meio deles, à procura de uma alternativa para o estilo de vida predominante na sociedade de consumo.

Quando Milton Santos (2000) fala, em seu documentário “A formação histórica do povo brasileiro”, apresentando a origem social, política, econômica e cultural do povo brasileiro, o grupo percebeu a necessidade de compreender sua historia para que, no futuro, seja possível construir uma história mais humana. As fala registradas, são falas do grupo que, após a apresentação, fluíram:

(F) - “A discriminação social aqui no Brasil é um abuso, abuso antigo, vindo lá dos Portugueses.” ( K) -”Sempre estão falando da globalização como algo bom que aproxima nós uns dos outros, mas na verdade esta aproximação tem só uma intenção, consumo.” (T) -”Meu Deus! Quanta safadeza, tudo por dinheiro! (R) -”Ainda bem que tem saída, precisamos mudar.”(Relato do dia 17/05/2010, p. 3)

O objetivo foi apresentar novos caminhos, um sentido diferente de vida, crítico, investigativo que possibilitasse transformações. Fazer conexões com o ontem, o hoje e o depois ajudaram estes educadores populares do AJA a pensar sua ação educativa, não como coadjuvantes da formação social do povo, mas como possíveis protagonistas de novos e mais respeitosos tempos para a humanidade. O compromisso social, que requer a intervenção de um ser crítico, investigativo foi o elemento em destaque com esta atividade. A volta ao passado propiciou o estímulo à imaginação, e potencializou a indignação diante de tantos fatos de exclusão social. Os textos apresentados e lidos ( Freire, P. Conscientização: Teoria e Prática da Libertação) desencadearam uma série de perguntas, tais como:

(L) - “O que se deve fazer quando a realidade parece impenetrável e insolvente?” (U) - “O que acontece quando a situação limite não pode ser percebida claramente?” (J) - “O que faz alguns homens a trabalharem para as estruturas e outros para a mudança?” (Z) - “Como pode ocorrer a transformação permanente da realidade para libertação dos homens?” (L) - “Como uma situação-limite pode ser superada diante do que julgamos como um desafio para alcançar o sucesso ou fracasso em sala de aula?” (N) - “ O que é tema gerador?” (I) - “Os textos são muito difíceis de ler, não dou conta, não sei o que o autor quer dizer.” (P) - “Não tive tempo de ler.” (Q) - “Olha eu li mas não sei se entendi, mas li, demorei demais , mas...” (Relato do dia 18/05/2010, p. 4)

A partir da análise destes momentos de leitura e interpretação pôde-se concluir que estas atividades desequilibraram os educadores(as). Se alguns não conseguiram ler o texto a contento, outros se esforçaram, mas poucos foram os que não se interessaram. Isto requer outra pesquisa; possivelmente que inclua análise psicológica e sociológica.

O que ficou em destaque foi a participação, o empenho, o compromisso, a curiosidade, a criatividade, o diálogo, a criticidade, dificuldades cognitivas, a falta de tempo para ler os textos, a dificuldade de compreensão da leitura dos textos, os atrasado no início do curso. Todos estes elementos foram ressaltados durante as atividades apresentadas.

Outro momento diferenciado da pesquisa: Reunião de Coordenadores(as) do AJA-EXPANSÃO para discutir a Formação Inicial de Educadores e Educadoras Populares do Programa AJA-EXPANSÃO 2010/2011. As falas dessa reunião foram as seguintes:

(AA) -” Quando iniciaremos a formação inicial e qual o tema a ser trabalhado? (AB) - “Bem precisamos levar em conta o tempo que temos para agilizar esta atividade, lembrem-se que se deixarmos para o fim do mês vamos perder muito tempo e os grupos formados poderão se dispersar! (AA) - “ Mas temos muitas atividades por

agora a reunião ordinária do Fórum, o IX Encontro. Vai ficar difícil. Vocês dão conta, da pra encarar? (CA) - “ Bem de minha parte estou disponível, penso que se deixarmos para depois perdemos tempo e grupos. Sobre o tema penso que precisamos trabalhar com o material já registrado na formação continuada passada, de preferência do último bimestre, maio/junho. Lá encontraremos o material para desenvolver na formação inicial, muito embora não sabemos da realidade dos que chegam pela primeira vez no Programa.” (CC) - ‘ Bem, pelo que percebemos precisamos trabalhar com a identidade deles. Uma pergunta chave é: Quem somos?’ (CC1) - “Outra questão importante é falar da história de nosso país. Que país é este? E nossa conjuntura atual.” (AA) - “Bem acho pertinente, lembramos que não estamos aqui só para ensinar leitura e escrita, precisamos de pessoas críticas.” (AB) - Isto mesmo! Penso que encontramos um fio condutor. - (CS) “ Penso que poderemos ir atrás das pessoas que possam colaborar nesta atividade. Mas não podemos esquecer que a arte precisa ser trabalhada, assim como a ação didático/pedagógica.” (Relato do dia 10/09/2010, p. 5)

O objetivo da referida reunião foi *como* fazer a próxima formação, de forma que discurso e ação fossem combinados pertinentemente, levando em conta as necessidades apresentadas por esses educadores populares em momentos passados para que pudessem contemplar as demandas dos mesmos. Freire chama este procedimento pedagógico de “um fazer *com* e não *para*” os educandos. Pensar com eles significa dialogar, compreender suas necessidades para que ambos, educandos e educadores, avancem em suas ações educativas. Freire (1996, p.122 ), em seu livro, *Pedagogia da Autonomia*, diz: “É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo.”

A Formação Inicial de Educadoras e Educadores do AJA-EXPANSÃO foi pensada para 40 horas presenciais, 03 horas diárias, (conforme as exigências da Proposta Político Pedagógica Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos 2001/2004 aprovada em sessão plenária em 22/06/2005. Resolução 14/2005) e nas mesmas dependências da Faculdade de Educação-UFG. O período matutino iniciou-se com oito educadores e, ao final do curso, com 10 educadores. As falas oriundas desta formação seguem abaixo:

(A) - “Gostamos da formação, ela nos elucidou dúvidas de nossa ação pedagógica” (G) - “Não sabíamos por onde começar, esta sacada do tema gerador é muito interessante.” - (Z) “Pensei que a memorização, o ditado e silabação deveriam ser reforçadas, mas estou entendendo que não é o principal, mas vem depois de um trabalho contextualizado.”- (M) - “Nossa! Agora me apercebi que estava fazendo errado, pensava que era assim, mas não, interpretei mal a questão.” (B) - “Nossa! Que legal! Muito bom! Estou me sentindo leve.” - “Professora você precisa voltar para fazer a análise de meu trabalho. Adorei demais!” (X) - “Não gostei, principalmente a ação pedagógica, já vi isto, não me interessa. (T) - “Da outra vez penso que os mais antigos devem ter uma formação à parte.” (M) “Adorei fazer mandala. Peça para a professora voltar e interpretar nossa arte!” (Relato do dia 15 a 29/09/2010, p. 6)

Todas estas atividades da Formação Inicial tiveram como fio condutor a



dialogicidade,. Partiu-se do individual ( Quem sou eu), analisou-se o coletivo (Que país é este) tanto histórico quanto conjuntural na sequência à arte, esta atividade que aguça a curiosidade, estimula a criatividade e, por fim, as ações pedagógicas, um convite à reflexão do teórico/prático, apresentando concepções de educação: a “*Educação libertadora*” de Freire, a “*Genética da escrita*” de Ferreira, e a necessidade do planejamento em nossa ação pedagógica.

Três novatos e quatro educadores há mais tempo no Programa gostaram do formato do curso. Porém outros três que há mais tempo se encontravam no Programa pediram para que fosse repensado o formato da próxima formação inicial. Os motivos de tal reivindicação se basearam na repetição de temas já debatidos em outras formações, sobretudo quanto à ação pedagógica. Foi requisitado um maior aprofundamento nos conhecimentos, o que foi considerado pelos demais pertinente e justo,.

São reflexões como estas que atestam o aparecimento do senso crítico, investigativo, da curiosidade, da vontade de descobrir outros caminhos. Houve também aqueles que, ao reverem temas já discutidos, procuraram comparar sua prática em sala de aula com a retomada teórica.

Já as reclamações de parte daqueles que há mais tempo estão neste Programa (três) têm também sua função: fazer com que os que organizam a formação avancem, e não fiquem estáticos, repetindo frases, temas sem objetivar o novo. Os sintomas apresentados por estes diante da formação era de desânimo, sono, conversa paralela como reação ao que estava sendo repetido.

O que temos constatado em diferentes momentos dos programas até aqui realizado é que o ato de planejar tem sido um elemento desafiador. São poucas as educadoras que dominam esta ação, apesar da atenção dada a este quesito.

Para os coordenadores do AJA-EXPANSÃO, trata-se de um desafio. Reflete a falta do exercício da reflexão em sala de aula. Por que motivo não se planeja? . É a condição intelectual, o desinteresse, a falta de tempo, de necessidade? . Sejam quais forem os motivos, entende-se que isto é grave, pois as atividades propostas em sala de aula devem ser de fato, pertinentes.

Porém se fez unanimidade a atividade artística. Todos adoraram o trabalho de criação (mandala) proposto pela educadora responsável. O empenho, a criatividade, a curiosidade para reparar detalhes no trabalho do outro, motivaram frases como estas: A) Nossa como você é caprichosa, (B) Não sabia que tinha tanta habilidade, (C) Como você sabe combinar as cores, (D) Me sinto tão relaxada quando faço este tipo de atividade, nem vejo o tempo passar.

O Fórum Goiano<sup>2</sup> é uma entidade civil pública aberta a todos os segmentos da sociedade que se interessam pela discussão de questões relacionadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e pela possibilidade de construção de políticas públicas consistentes para esta modalidade. Os registros neste espaço se deram em dois momentos: Primeiro Mesa Temática intitulada Práticas Pedagógicas da EJA e Educação Popular. Segundo, na Roda de Prosa - EJA e Movimentos Sociais.

A troca de experiência ocorrida neste diálogo foi interessante, pois, neste dia, encontravam-se no auditório mais de duzentas pessoas, além dos convidados a fazerem seus depoimentos e que representavam o segmento do movimento social de educação popular, a UFG, a secretaria do município, um educador popular e a mediadora, professora aposentada da universidade, militante da resistência na época da ditadura.

Os relatos da professora universitária da UFG foram interessantes porque apresentaram partes de sua pesquisa para a tese de doutorado sobre a história dos movimentos sociais em Goiás. A seguinte fala ficou marcada como uma provocação:

(E) - “O analfabetismo não é culpa do analfabeto, mas das condições materiais precárias que lhe são oferecidas, precisamos nos acostumar a registrar nossa ação educativa, para que fique gravado na memória histórica e possibilite as gerações do presente e futuras os dados para uma melhor compreensão histórica de nossa época.”(Relato do dia 23/09/2010 p. 7)

A representante da secretaria municipal de Goiânia fez suas considerações sobre o Programa de alfabetização da EJA, dificuldades e avanços. Falou de como os municípios podem se valer da lei 9394/96 para formalizar o ensino regular de jovens e adultos e também das práticas pedagógicas, da formação continuada dos professores e da prioridade de se pensar o educando. Em sua fala, deixou a seguinte mensagem:

M - O Fórum tem pressionado as faculdades a repensar a educação de jovens e adultos. Não é possível preparar educadores só para o ensino fundamental infantil, as demandas do seguimento de jovens e adultos são muitas e precisamos compreender estes jovens e adultos para que o ensino seja de qualidade. - A luta que travamos para um melhor atendimento ao segmento de jovens e adultos pode ser refletida pelos ganhos, que ainda não são os ideais, na transposição FUNDEF/FUNDEB.(Relato do dia 23/09/2010 p. 8)

---

<sup>2</sup> Com a trajetória iniciada em 1999, a partir de omissão interinstitucional, e formalmente constituído em 2002, o Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos vem, desde então, procurando agregar o poder Público, entidades de classe, organizações não governamentais, movimentos sociais, instituições de educação superior, empresas, educadores e educandos em torno do fortalecimento da EJA em nosso Estado. (Fôlder, do IX Encontro Estadual do Fórum Goiano de EJA, 23 a 25 de setembro de 2010.)

Sabe-se que os órgãos gestores normalmente agem em defesa de seus “interesses”<sup>3</sup>, mas é bom lembrar que pessoas como a referida representante da Secretaria Municipal de Educação têm lutado há anos para efetivar um ensino de qualidade, mesmo que as ações governamentais insistam em não pensar com o educando o seu destino. A luta, por muitas vezes, é desleal e desgastante. Mas o sentido da vida, como existência, se sobrepõe a uma vida para sermos mais humanos, mais amáveis e, nesta perspectiva, mesmo alguém que represente a figura do gestor é, antes de tudo, um ser humano que pensa em uma educação como prática da liberdade.

Quanto aos movimentos sociais, a RECID (Rede de Educação Cidadã) foi representada por uma educadora popular que nos conta de suas expectativas:

H – Faz-se necessário repensar as formações para avançar e superar dificuldades e que no diálogo com as classes populares é que nascerá uma educação pertinente a seus anseios. Uma educação que seja essencialmente crítica que possibilite a formação de um cidadão autônomo. (Relato do dia 23/09/2010 p. 9)

Sua explanação enfatizou a construção de uma educação popular que perpassasse pela prática dialógica. A concepção freireana de educação é a tônica de suas atividades com enfoques de tema gerador e identificação de situações- limite.

O representante dos educadores populares do AJA-EXPANSÃO fez o seguinte discurso:

Vou falar a vocês sobre a última experiência que tivemos junto ao grupo de formação continuada de educadores(as) populares no AJA-EXPANSÃO. As atividades propostas se dão através de textos e documentários previamente selecionados e pensados para responder perguntas tais como; Quem sou eu? Que Brasil é este? Tanto em sua parte histórica como conjuntural. A arte é elemento preponderante, porque entende-se que é através desta que o ser humano potencializa sua criação. Na sequência a ação didático/pedagógica se fez presente....O objetivo dessa ação educativa teve como tema central avaliar as dificuldades por parte desses educadores populares em se tornarem pessoas críticas, capazes de fazerem história..(Relato do dia 23/09/2010 p. 10)

Quanto à Roda de Prosa composta pelas entidades RECID – Rede de Educação Cidadã, FÓRUM-EJA – Fórum Goiano de EJA e do Centro de Formação de Economia Solidária, destacaram-se as seguintes fala:

---

<sup>3</sup> A escola é a instituição social que, por sua natureza, suas funções e estrutura, cumpre como nenhuma outra objetivos políticos. O sistema escolar, de qualquer sociedade, é o reflexo fiel da política e da ideologia dos grupos governantes e dos partidos políticos no poder. (GUTIÉRREZ, 1988, p.17)

C - “Entendemos como uma educação popular uma educação que rejeita a educação dominante, alienante. Acreditamos em uma educação que vislumbre a mudança, que questione, investigue, que humanize o humano. Uma educação pra vida do sujeito.” X - “ Pois é , eu entendo que lá no MST, onde moro no Rio Grande do Sul, a escola é destes moldes. Gosto muito de estudar, inclusive a matemática, que tem sido um horror para muitos. Nós lá não decoramos fórmulas mas tudo se dá tranquilamente com um diálogo claro e objetivo, o aprendizado não é abstrato, nós nos utilizamos das coisas que nos rodeia para apreender a vida e ampliar conhecimentos.” K - “Nossa! Eu tinha uma outra leitura de vocês, aqui na cidade as pessoas falam que vocês são baderneiros só querem terra para depois vender...”. S - “Bem vejo que precisamos frequentar mais os Fóruns Goianos de EJA, outros mais para que os movimentos sociais ocupem o lugar que lhes é de direito, e possam evitar mal entendidos quanto a proposta de vida quem tem. Este caso do MST, mostra esta necessidade e o Fórum precisa da participação dos movimentos populares para que ganhe maior legitimidade em suas reivindicações.(Relato do dia24/09/2010 p. 11)

O destaque daquela discussão foi a constatação da falta de representação dos movimentos populares nos Fóruns de EJA, por vários possíveis motivos, dentre os quais pode-se destacar a falta de percepção por parte desses sujeitos de que o fórum é local diversificado de representações sociais populares a procura dos melhores caminhos a educação de qualidade. Entende-se que o Fórum é lócus do diálogo na diversidade e que estes movimentos sociais populares precisam ocupar estes espaços a fim de potencializar suas ações.

Foi finalizada a roda de prosa com uma solicitação à direção do Fórum Goiano para que potencializasse e divulgasse aos movimentos sociais populares a necessidade de eles ocuparem seus espaços.

Ao término do IX Encontro Estadual do Fórum Goiano de EJA, foi tirado dentre os participantes dois representantes Estaduais para representar a Região Centro Oeste junto à Economia Solidaria. Isso porque ficou entendido que é estratégico e fecundo a participação de um elemento do Fórum neste intercâmbio.

Refletir se o **AJA-EXPANSÃO é uma ação de Movimento Popular ou uma ação de Gestores?** Fica o desafio: O AJA-EXPANSÃO é um programa vinculado à Secretaria de Educação do Município de Goiânia e ao Brasil Alfabetizado. Os sujeitos, funcionários deste órgão, se organizaram para viabilizar o Programa como instrumentos de ação junto a sociedade.

O AJA-EXPANSÃO está com um pé na gestão, porque foi esta gestão (a secretaria de educação de Goiânia, a UFG-FE e o Brasil Alfabetizado) que o criou com a proposta de uma *educação libertadora* baseada nos movimentos sociais populares. É Movimento Popular porque trabalha com sujeitos das classes populares e entende-se que educador e educando são

sujeitos do mesmo processo educativos, que se educam ao longo da história, pois se compreendem e se vêem como seres condicionados que precisam conquistar sua autonomia.

### ***Considerações Finais***

O objetivo deste trabalho monográfico foi procurar respostas sobre a formação de educadoras e educadores populares no que se refere à formação política e profissional, à criatividade, à livre iniciativa e à imaginação no seio das atividades do AJA-EXPANSÃO.

Nesse sentido, os dados coletados e o referencial teórico utilizado permitem afirmar que, no primeiro capítulo, os avanços e os retrocessos fazem parte do processo educacional brasileiro. Avanços porque a história do AJA-EXPANSÃO começou como projeto e hoje é programa reconhecido pelo governo federal. O AJA-EXPANSÃO está com um pé na gestão (SME, UFG-FE e Brasil Alfabetizado) e outro nos Movimentos Sociais Populares. Porque os educadores, as educadoras e coordenadores e coordenadoras são sujeitos pertencentes as classes populares. Entende que educador e educando são sujeitos do mesmo processo educativos, que se educam ao longo da história, pois se compreendem e se vêem como seres condicionados que precisam conquistar sua autonomia. Por outro lado, tem-se muito o que conquistar, tendo em vista que ser projeto ou programa não define, por si só, a política pública de governo. Sabe-se que uma política de governo é perene que está na lei e tem que ser cumprida, guardadas as devidas ressalvas.

Pode-se considerar avanço quando se percebe que os princípios perseguidos inscritos no documento PPP/SME/GYN(2004), que traz a concepção de educação libertadora, de respeito à ética, à política e à estética são preservados no AJA – EXPANSÃO na medida do possível. Isto porque a curiosidade epistemológica alcançada por alguns profissionais do departamento reflete-se no compromisso profissional que cada um incorpora. Como há disparidade de compreensão de uma pessoa para outra, o interesse e compromisso estão submetidos ao grau de consciência de cada uma. Diga se, de passagem, que este respeito não advém necessariamente do gestor simplesmente, mas de alguns servidores e servidoras públicos abnegados da divisão e de outras áreas que levam a sério o seu trabalho, lutando para propiciar o melhor a estes educadores populares, respeitando os na sua individualidade.

As dificuldades são muitas, os desafios enormes e as falhas acontecem. O desrespeito induzido pelos procedimentos da burocracia se apresenta na negativa a contratos firmados e não cumpridos pelas instâncias superiores, como é o caso de carteiras, quadros de giz, lanches que demoram ou não chegam. Atrasos de ajuda de custo por parte do MEC que, algumas vezes, desmobilizou a ação educativa ( o valor R\$ 250,00<sup>1</sup> não sofre aumento há cinco anos) potencializa o sentimento de exclusão. Mas, por outro lado, instiga as pessoas a pensarem no porquê de tanta apatia e alienação por parte destes educadores (as) populares.

Vale lembrar Gutiérrez (1988) no que diz respeito à escola como instituição social, (AJA-EXPANSÃO é uma modalidade), a qual, “por sua natureza, suas funções e estrutura cumpre como nenhum outro objetivo político.” (p.17)

Ao falar da gestão do PMDB quanto ao atendimento ao PROGRAMA AJA-EXPANSÃO, o que se tem de concreto é que o número de núcleos de alfabetização do AJA-EXPANSÃO em 2008/2009 era de aproximadamente noventa (90), em 2009/2010 quarenta e sete (47) e agora 2010/2011 vinte e sete (27). Na administração do PT, chegamos a ter aproximadamente mais de duzentos núcleos de alfabetização. Por outro lado, deve-se lembrar que esta gestão é composta também por membros do PT.

Gutiérrez (1988, p. 22) faz a seguinte observação: “A escola faz política não só pelo que diz, mas também pelo que cala; não só pelo que faz, mas também pelo que não faz. Calar o que deve ser proclamado aos quatro ventos é uma das formas políticas mais frequentes entre os que têm 'a faca e o queijo na mão'.”

Quanto à ação do preparo da formação política e social destes educadores populares, pode-se dizer que as assessoras e coordenadores se doam para possibilitar uma melhor formação. Isto pode ser constatado através das ações educativas proposta nas formações inicial e continuada. Trabalho com temas geradores, situações-limite, planejamentos, dentre outras atividades. Entende-se também que o aprimoramento e aprofundamento nos estudos por parte destas assessoras e coordenadoras(r) faz-se necessário. A ação pedagógica requer incessantemente reflexões na práxis. Essas assessoras e coordenadoras (es) estão submetidas também à lógica do grau de compreensão entre curiosidade epistemológica e compromisso profissional e político que cada um possui.

O que se percebe é que a formação desses educadores populares não tem sido suficiente para reverter sua baixa autoestima que afeta muitos educandos. O fato de não se fazerem ações para melhorar sua ajuda de custo é um dos indícios desta apatia. O movimento

---

<sup>1</sup> Enviamos no mês de novembro de 2010 ao MEC, Depto. DEJA um abaixo assinado falando de nossas necessidades e da valorização de nossa ação educativa..

social se caracteriza como uma ação coletiva que busca o bem social, atrás dos direitos adquiridos ou compromissos formalizados. Para Freire:

De modo geral, a consciência dominada, não só popular que não captou ainda a "situação - limite" em sua globalidade, fica na apreensão de suas manifestações periféricas, às quais emprestam a força inibidora que cabe, contudo, à "situação limite" (FREIRE, 1987, p. 95-96)

A reivindicação enviada ao MEC (novembro, 2010), apesar de ser abaixo-assinado, ainda não se caracteriza como uma luta coletiva contundente, porém percebe-se que algo novo está acontecendo. Partiu de um educador a ideia, e os demais aderiram à mesma, mas esta só se concretizou porque este, que sugeriu a ação, levou até o fim o procedimento, e caso este não comparecesse na última reunião, este abaixo assinado não sairia. Ainda segundo Freire:

As classes dominadas, silenciosas e esmagadas, só dizem sua palavra quando, tomando a história em suas mãos, desmontam o sistema opressor que as destrói. É na práxis revolucionária, com uma liderança vigilante e crítica, que as classes dominadas aprendem a "pronunciar" seu mundo, descobrindo, assim, as verdadeiras razões de seu silêncio anterior (Freire, 1982, p. 129)

Considera-se que a ação educativa que propiciou a apresentação dos documentários e dos textos durante as formações, assim como reflexões de Quem sou eu? Que Brasil é este? levaram estes educadores populares a pensar e a refletir sobre sua existência. A ideia de possibilitar-lhes a ativação da curiosidade epistemológica está ainda em curso porque se entende que esta conquista é um processo ao longo da vida, mas que os efeitos já puderam ser observados. O movimento do grupo, a procura de melhorias são indícios indelévelis.. Educadoras que prestam vestibulares para conquistar espaços e melhorar suas ações pedagógicas representam um avanço, uma conquista pessoal, mas não se sabe até que ponto será refletido no grupo.

O espaço Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos, foi eleito e construído como um espaço próprio para discussão das necessidades educativas. Os convites incansáveis, feitos aos educadores (as) populares do AJA-EXPANSÃO para que participassem foram muitos, porém apenas uma vez compareceram duas educadoras. A falta de interesse é ponto certo desta ação. Mesmo que argumentações como: "falta de tempo", "estou cru para o assunto", "isto é para vocês coordenadoras(r)", tenham sido as justificativas, o que fica claro é a falta de compromisso político por parte dessas educadoras (es) e até mesmos das(os) coordenadoras(res).

Quando do IX Encontro do Fórum Goiano (2010), quatro educadoras compareceram

ao local e somente duas educadoras participaram dos três dias do evento. Três educadoras comentaram que estavam “indignadas” por não terem em um único momento ouvido o nome do AJA-EXPANSÃO no dia da abertura e nem sequer representação, conforme registra a expressão: “o que está acontecendo, nós não existimos?”

Estas falas retratam bem a falta de entendimento do que vem a ser um fórum. Os espaços do Fórum precisam ser ocupados e, se o não são, estas representações não podem se fazerem presentes na mesa, o que é natural. Se a EAJA foi o destaque é porque as representações se fizeram presentes durante às discussões ordinárias e extraordinárias do mesmo.

O Programa, mesmo no DEF-AJA sofre discriminações por parte de alguns que lá estão e não acreditam na eficácia do mesmo. Mas há um sentido para isso, já que a argumentação sustenta-se no fato de que poucos educandos se transferem do AJA-EXPANSÃO para a Rede do ensino formal.

A evasão é muito grande, mas não é uma característica apenas do AJA-EXPANSÃO, mas de outras modalidades de ensino. Tanto é que, em 2010, a Rede de ensino municipal tem fechado salas de EJA por falta de demanda. Pode-se, assim, inferir pela análise do quantitativo do AJA na administração do PT passada que se o AJA-EXPANSÃO não tem conseguido estimular aqueles excluídos a voltarem à escola, não estaria isto refletindo nas salas de aula da rede pública, no EAJA?

A questão pedagógica e didática é ponto de tensão a partir do qual é necessário avançar. A DEF-AJA, as assessoras e os coordenadores (as) precisam ser mais sistemáticos e metódicos em seus registros, efetivando um acompanhamento aos núcleos com olhar de pesquisador e mediador das dificuldades encontradas. A evasão pode ser um sintoma desta falta.. Por outro lado, se as demandas de trabalho são tantas, e com poucos funcionários na DEF-AJA, como fazer? É preciso não se esquecer de que a esperança como bandeira e a indignação são importantes armas.

Quanto ao desempenho dos educadores e educadoras na sua ação educativa, observa-se dificuldades a serem atendidas: A falta de planejamento nas salas de aula indica descaso didático e pedagógico grave. Se não se pensa o que fazer na sala de aula só se reproduz textos de livros, ou práticas recebidas na formação continuada, como as únicas formas de ensinar. Isto significa que não se está pensando e nem pesquisando o ensino/aprendizagem. O que indica isto: Dificuldades no planejar? Desinteresse profissional? Ou ainda não tem bem claro para que serve o planejamento. Ou este educador(a) popular permanece no projeto apenas pela ajuda de custo? Para Gutiérrez:



A educação é práxis, ou do contrário não é educação. Sem práxis, nem o educador nem o educando constituem-se a si mesmos e, ao não integrarem o trabalho produtivo e a ação criadora, tampouco chegam a transformar a realidade. A educação na práxis é portanto uma “ação transformadora consciente” que supõe dois momentos inseparáveis, o da ação e o da reflexão, sendo o primeiro o ponto inicial, na medida em que a ação parte de uma certa consciência e conduz até uma nova, forma de consciência, mais esclarecida, mais plena. Podemos dizer com propriedade, portanto, que a educação é o “momento reflexivo da práxis”.(GUTIÉRREZ, 1988, p.107).

A formação de educadores(as) é objetivo principal, é algo que vai além do treinamento, do adestramento. Formar é possibilitar a estes educadores que transponham sua condição ingênua de interpretar a vida e conquistar uma consciência crítica para estabelecer-se na sua existência.

Enfim, embora não tenha sido possível estender mais o tema dados os limites deste pequeno estudo fica a esperança da continuidade e penetração neste mundo da educação, em específico, do AJA-EXPANSÃO que, por sua 'ação educativa' persegue a *educação como prática da liberdade*.

## Referências

- BRANDÃO, Carlos. *O que é Educação*. São Paulo-SP: Brasiliense, 1982, p. 9-10
- FERRO, Sergio. *Querida Amiga e Companheira Curiosidade Epistemológica*. Goiânia-GO. 2010, p. 1.
- FREIRE, Paulo. *Teoria e Prática da Libertação. Conscientização. 3ª ed. São Paulo-SP Moraes, 1980 p.28-33.*
- \_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Paulo. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte-MG: ed. Autêntica, 2008
- \_\_\_\_\_. *Educação como Prática de Liberdade*. São Paulo- SP: ed. Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. São Paulo-SP: ed. Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo-SP: ed. Paz e Terra, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo-SP: ed. Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo e FAUNDES, Antônio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro-RJ: ed. Paz e Terra, 1985.
- GRAMISCI, Antônio, *Cadernos do Cárcere*, vol. 1/ Antônio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinhos; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004;
- GUTIÉRRES, Francisco. *Educação como Práxis Política*. São Paulo-SP. ed. Summus, 1988.
- MACHADO, Margarida. *Política Educacional para Jovens e Adultos: A Experiência do PROJETO AJA (93/94) na Secretaria Municipal da Educação de Goiânia*. 1997, p.
- PINTO, Álvaro Viera. *Sete Lições sobre Educação de Adultos*. São Paulo-SP: ed. Cortez, 2000.
- PROPOSTA POLITICO PEDAGOGICA-Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos 2001/2004 aprovado em sessão plenária em 22/06/2005. Resolução 140/2005)
- RODARI, Gianni. *Gramática da Fantasia*. São Paulo-SP: ed. Summus, 1982.
- RODRIGUES, Maria Emilia Castro. *Educação de Jovens e Adultos: Retomando uma história negada*[2000] p.1

RODRIGUES, Maria Emilia et alli, *Formação dos Educadores Populares do Projeto AJA-EXPANSÃO*. [2002]

TIEZMANN, Vera Maria Silva. *Literatura Infantil brasileira: Um guia para professores e professoras da leitura*. Goiânia-GO: ed. Cãnone, 2008.